

PARAÍBA:
TERRA DE GRANDES HOMENS

Eu sou da terra de Epitácio Pessoa.
Filho do sofrer, do sol ardente, do solo áspero.
Sentiu muitas vezes a implacável seca,
que paralisa e mata.
Porém, bem mais vezes,
provou da doçura de nossas praias,
do aroma que embriaga o olfato.
E há quem diga mais: vivo, quão seria feliz
em ver nosso Estado crescendo sem limites,
alargando-se lado a lado.

Eu sou da terra de Epitácio,
pessoa das mais significativas e eloqüentes.
Gigantesca fortaleza de saber e experiência.
Idealista, renovador sincero e sensato.
Governou o país como ao seu próprio corpo:
Rápido no olhar,
higiênico no cumprimento do dever,
na coerência.

Eu sou da terra de José Américo de Almeida.
Velho para os jovens, jovem para os velhos.
Na juventude,
participou da vida como um pássaro que nasce.
Na velhice, refugiou-se do tumulto,
buscou auxílio e a natureza o acolheu.
Ali isolado, entre o silêncio, o mar e a inspiração,
comungou diariamente
da sombra que esfria o corpo,
da brisa que alimenta,
da lua que mata a tarde.

Eu sou da terra de Américo,
José no pré-nome, Almeida adiante.
Américo ministro, Américo escritor.
Paraibano de lutas, paraibano de sangue.
Amante das praias, fiel nesse amor...
Pois emoldurou Tambaú em seu semblante.

Eu sou da terra de Augusto,
Augusto das glórias e dos anjos.
Das glórias passadas,
dos anjos presentes,
das épocas cansadas,
dos poemas pungentes.

Eu sou da terra de Augusto dos Anjos,
imortal, mas tão esquecido.
Apenas a Lagoa expõe seu busto.
E ali preso, metade do corpo partido,
mas não hão de partir jamais
a filosofia dos seus versos, do seu único livro.

Eu sou da terra de Silvino,
Olavo sem ser Bilac.
Na poesia, um dominador; na advocacia, um craque;
escritor brilhante,
orador de elegante e comedida eloquência.
Mas o destino trágico e doentio,
o encaminhou à debilidade.
E a inteligência se lhe fugiu da mente,
que ele próprio reconheceu a ausência.

Eu sou da terra de Silvino Olavo,
verdadeira apoteose humana e advocatícia.
Naquela época como eram belos os seus dizeres:
Lírio verde da Borborema,
assim batizou o seu berço amado.
Mas, atualmente, o lírio desintegrou-se,
o verde desverdeou-se
e a terra, que o trouxe em pé,
recebeu o poeta deitado.

Eu sou da terra de Pedro Américo.
Eterno criador de painéis, bem mais nítidos
que uma própria fotografia.
Em suas mãos havia a rapidez de um pincel atleta.
No seu cérebro, a imaginação que implorava vida.
Nos seus olhos, uma paisagem nova,
que sempre visitava o rosto do artista.
Artista nobre, que magicamente reproduzia uma cena.

Dantes não percebida pela vista.

Eu sou da terra de José Lins do Rêgo.
Autor de Fogo Morto, Eurídice, Menino de Engenho...
Romancista renomado e de alto valor intelectual.
Em busca da realidade e muitas vezes da ficção,
corria léguas, suave o rosto,
no intuito de presentear aos seus leitores,
uma obra válida, pesquisada,
extraída dos minuciosos caminhos do subconsciente,
fértil e disposto.

Eu sou da terra
de Assis Chateaubriand e Bandeira de Meio.
Paraibano de Umbuzeiro,
mister no jornalismo, gênio na criação.
Dentre outros diversos cargos,
foi senador, embaixador, amigo e amável.
Quando parálítico, não abandonou suas atividades,
apenas amenizou-as.
E em momento algum,
rendeu-se à invalidez das pernas,
pelo contrário,
era de fibra, talvez de aço,
o formato daquele corpo,
lavado de cultura, cercado do extraordinário.

Enfim, eu sou filho da Paraíba.
E pra ser bem mais sincero,
eu sou da terra de Juarez Batista,
De Virgínius da Gama e MeIo,
de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque,
de Raimundo Asfóra, Osmar de Aquino,
Ernany Sátiro e João Agripino,
de Samuel Duarte e Antônio Mariz,
de Rui, Janduhy e Alcides Carneiro,
de João Suassuna e Argemiro de Figueiredo
e de tantos outros ilustres luzeiros.

Saibam todos
que a Paraíba é pequenina, mas é brava,
é altaneira.

Brasileiros...

A minha terra é tão bela,
que estando distante dela
não sou feliz por inteiro.

INTIMIDADES DA MINHA CIDADE

Não sei ao certo, mas acho,
Que no mundo, a minha cidade é a única,
Que até as ruas têm apelidos.
Também não sei se mal ou bem merecidos.

Aqui apenas, destacarei só algumas dessas ruas:
Rua do sertão, do boi, do cemitério, da cadeia,
Chã da bala, rua da lagoa, do baixo meretrício,
Rua do açude, rua nova, rua paroquial, rua da areia.

Há também sítios próximos com nomes interessantes:
A Beleza dos Campos, Maniçoba, Massabiele, Lagoa de pedra,
Umburanas, sítio de seu Samuel, riacho dos cavalos...
Uns dos outros, separados por curtos intervalos.

Na Beleza dos Campos morava o poeta Silvino Olavo.
Ali ainda há a casa: simples, porém agradável,
Pequena, porém o suficiente para seu repouso.
— O espírito do poeta, acredito, vez ou outra, faz ali um breve pouso.

Em Maniçoba e Massabiele eu nunca fui.
Lagoa de pedra tinha paisagem de deserto.
As Umburanas me assustavam pelo nome, lá não ia.
Em Riacho dos Cavalos só estive uma vez, mas sabia

Que o riacho pertencia mais aos homens que aos cavalos.
Agora no sítio de seu Samuel, guardo essa lembrança:
Fui uma centena de vezes tomar banho de açude, comer goiaba,
Chupar a manga mais doce que havia em Esperança.

Esperança — “o lírio verde da Borborema!”
— Assim o poeta a chamou, ficou sendo e é,
Ontem, hoje, agora, amanhã e sempre, um poema
Que levará e elevará seu nome além-mar, e até,

Nos confins do mundo conhecida haverás de ser
Pela boa pequenez e doce grandeza de vida e paz.
Contei tuas intimidades, agora também vou dizer,
A todos, o que já sabes: és meu porto, és meu cais.

NOTA: nome oficial das ruas:

Do Sertão: Solon de Lucena; do boi: Senador Eptácio Pessoa; do cemitério: Joaquim Virgolino; da cadeia: Alfredo Régis; chã da bala: Manoel Rodrigues; da lagoa: João Mendes; do baixo meretrício: 13 de maio; do açude: Joaquim Santiago; rua nova: João Pessoa; rua paroquial: Monsenhor Severiano; rua da areia: Juviano Sobreira.

VIVA POESIA OLHANDO O MAR DE TAMBAÚ

Com luar ou sem luar
Olhando o mar de Tambaú
Estais vós, eu estou, estás também tu
Fotografando a beleza com a câmara do olhar.

Vivendo poesia, a viva poesia em movimento,
Que docemente, o oceano cantando expõe.
Naturalmente, a natureza compõe
Os mais belos poemas de amor e de lamento.

Aqui nós estamos deslumbrados com tal paisagem,
Vendo o horizonte traçado pela mão do grande artista;
Indo e vindo, no pensamento, veículo da nossa viagem,
Nos campos, nos ares, nos mares de cada conquista.

A poesia e a música, irmanadas, encantam
Os corações sensíveis, repletos de sentimentos.
A boca da noite ao abrir-se, sopra os bons ventos,
E os ventos, onde quer que estejamos, nos encontram.